



Revista Encontros Baobá

AS EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS PARA ÁFRICA DO SUL: DO PASSADO AO PRESENTE E O SURGIMENTO DE NOVOS FENÓMENOS SOCIAIS

THE MIGRATION EXPERIENCES TO SOUTH AFRICA: FROM THE PAST TO THE PRESENT AND THE APPEARANCE OF NEW SOCIAL PHENOMENA

LAS EXPERIENCIAS MIGRATORIAS HACIA SUDÁFRICA: DEL PASADO AL PRESENTE Y EL SURGIMIENTO DE NUEVOS FENÓMENOS SOCIALES

Victor Simões Henrique ¹

RESUMO

Ao estudar as experiências migratórias para a África do Sul, o presente artigo mostra como é que os cidadãos dos territórios vizinhos da África do Sul responderam às oportunidades de emprego existentes ao longo do tempo desde o período da economia agrária, economia mineira e, no período depois de 1994, continuaram em busca de oportunidades, por meio da emigração ilegal, cujas consequências são descritas ao longo do presente texto. O artigo pretende contribuir para o estudo dos novos fenómenos sociais e económicos relacionados com as migrações na África austral, mostrando que, apesar de ser um processo antigo, envolvendo povos de toda a região, actualmente está acompanhado de certos males sociais que foram pouco abordados por muitos estudiosos da matéria para a sua elaboração. Nesse estudo, houve recurso ao método bibliográfico e à história de vida.

Palavras-chave: migrações; emigração legal; emigração ilegal; economia informal.

ABSTRACT

¹ Doutor em História de África Contemporânea. Docente na Universidade Save em Chongoene. E-mail: hhvictorsimoes@gmail.com

By studying migratory experiences to South Africa, this article shows how citizens of South Africa's neighboring territories responded to existing employment opportunities throughout the period of the agrarian economy, mining economy and in the period after 1994, continued in search of opportunities, through illegal emigration, the consequences of which are described throughout this text. The article aims to contribute to the study of new social and economic phenomena related to migration in southern Africa, showing that despite being an old process, involving people from across the region, it is currently accompanied by certain social evils that have been little addressed by Many scholars of the subject used the bibliographic method and life history to prepare it.

Keywords: migrations; legal emigration; illegal emigration; informal economy.

RESUMEN

Al estudiar las experiencias migratorias hacia Sudáfrica, el presente artículo muestra cómo los ciudadanos de los territorios vecinos de Sudáfrica respondieron a las oportunidades de empleo existentes a lo largo del tiempo desde el período de la economía agraria, la economía minera y, en el período posterior a 1994, continuaron buscando oportunidades mediante la emigración ilegal, cuyas consecuencias se describen a lo largo del presente texto. El artículo pretende contribuir al estudio de los nuevos fenómenos sociales y económicos relacionados con las migraciones en el sur de África, mostrando que, a pesar de ser un proceso antiguo que involucra a pueblos de toda la región, actualmente va acompañado de ciertos males sociales que han sido poco abordados por muchos estudiosos del tema para su elaboración. En este estudio se ha recurrido al método bibliográfico y a la historia de vida.

Palavras chave: migrações; emigração legal; emigração ilegal; economia informal.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objectivo descrever as experiências migratórias de cidadãos dos países da África Austral com destino a África do Sul em busca de oportunidades de sobrevivência económica e as formas como eles lidam com novos fenómenos sociais advenientes das relações de convivências com as populações locais, tais como a xenofobia, agressões contra estrangeiros, contrabando e consumo de drogas, tráfico de seres humanos, tráfico da vida selvagem, roubo de viaturas, entre outros males sociais que se verificam no local de chegada.

Na África Austral as migrações em busca de oportunidades económicas são um fenómeno antigo e datam dos princípios do século XIX, quando muitos cidadãos dos actuais países como Moçambique, Eswatini, Lesotho, Botswana, Malawi, emigravam para as antigas

colónias britânicas do cabo e do Natal em busca de emprego nas plantações de cana-de-açúcar, e na indústria de lã, e, a partir da segunda metade do século XIX, ganharam intensidade, envolvendo um número cada vez maior de indivíduos, depois que foram descobertos que têm jazigos de diamantes em *Kimberley* em 1867 e de ouro em *Transvaal*, em 1886.

Para além da descoberta dos jazigos de ouro e diamantes, o sector das plantações já vinha contratando mão-de-obra dos países vizinhos e que nos finais do século XIX e princípios do século XX, as duas economias (mineira e agrária) coexistiram e ambas recrutaram trabalhadores nos países vizinhos, e Moçambique foi um dos países em que foram contratados muitos trabalhadores.

São descritas duas principais categorias emigrantes para a África do Sul e aos seus principais sectores de ocupação, onde se destaca que a maioria dos que emigram legalmente se destinam ao sector formal, e são contratados nas minas e nas plantações, ao passo que a outra categoria é dos indocumentados que se destinam ao sector informal e cuja coexistência com os cidadãos nativos tem sido muito turbulenta, chegando a casos de extrema violência, pelo facto de estes serem acusados de estarem a tirar muitas oportunidades de emprego e de sobrevivência aos nativos.

Ao longo do artigo são apresentados e discutidos elementos como a hegemonia económica da África do Sul, que constitui o principal factor de atracção de cidadãos dos países vizinhos a emigrarem em busca das melhores condições de vida nos sectores formal e informal.

O artigo mostra ainda que a divisão dos emigrantes em dois grupos, nomeadamente os legais e os ilegais, e ambos têm uma grande relação com o destino ocupacional dos mesmos. Mais adiante, foi descrito o perfil dos emigrantes ilegais e a sua relação com os nativos, que muitas vezes tem gerado crises sociais entre eles, culminando em actos de extrema violência, destruição das suas propriedades, que muitas vezes tem culminado com ferimentos e mortes das vítimas, actos que tem sido sistematicamente condenados pelas autoridades político-administrativas de todos estados de região, incluindo da África do Sul, principal palco destas acções.

Para a sua elaboração, recorreu-se ao método bibliográfico, mediante a leitura de livros, artigos e jornais que abordam a temática em estudo, adicionalmente foi utilizado o método da história de vida, visando buscar depoimentos de alguns emigrantes sobretudo os ilegais, que de forma descontraída narram o seu quotidiano na África do Sul, as suas

expectativas e sobretudo as diversas oportunidades económicas que eles exploram visando garantir o envio das remessas para os seus locais de origem.

Os primórdios das migrações para a África do Sul

As migrações regionais na África Austral são um fenómeno social e económico muito antigo e sempre envolveram populações de diferentes unidades (chefaturas, reinos, impérios) e mais tarde estados independentes em busca de oportunidades de emprego, principalmente na África do Sul, país onde o capitalismo britânico tinha começado a exploração de recursos em moldes industriais o que demandava muita mão-de-obra, para os diversos sectores de actividade.

Este fenómeno atingiu uma dimensão regional por volta de 1850 e consolidou-se por volta de 1870/1900, primeiro motivado pela busca de oportunidades laborais nas plantações de cana-de-açúcar nas antigas colónias britânicas do Natal e do Cabo e depois nas minas de diamantes em *Kimberley* e mais tarde em *Transvaal* quando estes jazigos foram descobertos no último quartel do século XIX.

Durante o período em referência, as populações dos actuais estados vizinhos emigravam para a África do Sul em busca de emprego nas minas das plantações. No seu estudo sobre a política externa de Moçambique para a África do Sul, Wache (2020, p. 127) apresenta os estados fornecedores da mão-de-obra para a África do Sul na seguinte ordem:

Moçambique foi o maior fornecedor de mineiros para a indústria mineira sul-africana, devido aos vários acordos assinados com a África do Sul desde 1897. O Lesotho foi o segundo maior fornecedor de mineiros às minas sul-africanas, o terceiro e quarto estados foram o Botswana e Swazilândia respectivamente.

Em relação aos que buscavam emprego nas minas de ouro e de diamantes, foram sendo criadas instituições específicas para lidarem com o processo de contratações de mão-de-obra para as minas e uma das instituições criadas foi a Wanela², que foi em 1902 pela Câmara das Minas, sendo que para as plantações foram criadas outras instituições para o efeito das contratações.

Contudo, ao longo deste processo de institucionalização das contratações houve sempre migrações clandestinas de muitos trabalhadores que emigravam por conta própria e se empregavam em sectores como construção civil, condução, pequenas actividades informais ou mesmo nas minas e plantações que eram sectores que já tinham formalizado e organizado o processo de contratações de mão-de-obra.

² Witwatersrand Native Labour Association

Os emigrantes legais e ilegais, que estavam orientados para o sector mineiro ou agrícola, ganhavam dinheiro que posteriormente enviavam para os seus locais de origem e era utilizado para dinamizar actividades como a agricultura, criação do gado, assim como a construção de infra-estruturas como a habitação, pagamento do *lobolo*³, que era um aspecto muito importante na consolidação das relações familiares e conjugais nos locais de origem dos emigrantes.

Apesar desta grande onda migratória, que era legal para os que eram contratados pela principal agência recrutadora, a Wenela, e ilegal para os que iam por conta própria, os relatos das autoridades sul-africanas, segundo Harries (1995), assim como Dellijs (2017), mostram que os principais objectivos dos emigrantes era a busca de oportunidades de emprego no local de chegada e a convivência com os nativos não turbulenta, tal como acontece actualmente em que são relatados fenómenos sociais como a criminalidade, xenofobia, tráfico de órgãos humanos, tráfico de drogas, roubo de viaturas e tantos outros que marcam negativamente a história das migrações na África Austral.

Assim, as migrações, além de constituírem um fenómeno social de busca de oportunidades económicas para os envolvidos, tornam-se num factor de insegurança, desconfiança entre povos vizinhos, e dificultam de certa forma o processo de integração regional na África Austral iniciado ao longo da década de 1990, cuja consolidação vem se verificando ao longo dos anos 2000, por meio de acções como criação do bloco de cooperação regional, supressão de vistos de entrada dos cidadãos dos países membros, etc.

Importa destacar que a política de hostilidade aos emigrantes tem se manifestado de diferentes formas, onde podem ser encontradas as mais diplomáticas, como o caso das reduções de contracções de mineiros, iniciada por volta de 1976, numa atitude reveladora de algumas reservas em termos de relacionamento entre o governo sul-africano e o novo governo de Moçambique independente liderado pela FRELIMO⁴, que nas suas políticas socialistas proclamadas em algumas estrofes do primeiro Hino Nacional de 1975, mostrava-se antagónico ao capitalismo e considerava o trabalho migratório como uma verdadeira exploração do homem pelo homem, tal como se pode ver nos seguintes versos do Hino referido:

³ Casamento tradicional realizado no sul de Moçambique, mediante a entrega de certos artigos e valores monetários pelos pais do noivo aos pais da noiva e foi considerado durante muito tempo um rito de passagem e símbolo da masculinidade de muitos jovens do sexo masculino do sul de Moçambique e foi muito influenciado pelos rendimentos trazidos do trabalho nas minas e plantações da África do Sul, o que tornou as migrações laborais num factor de elevação do *status* social dos envolvidos no seu meio social de origem.

⁴ Frente de Libertação de Moçambique, organização nacionalista fundada em 1962, que depois de cerca de dez anos de luta armada (1964-1974), conseguiu por meio da vitória militar e acordos diplomáticos a proclamação da independência de Moçambique a 25 de Junho de 1975.

Unidos ao mundo inteiro,
Lutando contra a burguesia
Nossa Pátria será o túmulo
Do capitalismo e exploração

Com base nos versos citados, Wache (2020), elucida que: depois da independência de Moçambique em 1975, a política externa da África do Sul, especialmente em matéria de fornecimento de mineiros, foi caracterizada pela dicotomia hostilidade-amizade, sendo que o primeiro sinal de hostilidade foi a redução acentuada do recrutamento de moçambicanos para a indústria mineira da África do Sul, contrariamente ao período colonial em que o número de contratações era sempre ascendente.⁵

O autor destaca ainda uma outra razão que justificou a redução das contratações relaciona-se ao aumento do preço do ouro no mercado internacional durante a década de 1970, que tiveram como corolário o aumento dos salários no sector mineiro e a consequente atracção da mão-de-obra nativa para o sector, dando primazia ao processo de nativização e internalização⁶ da mão-de-obra e a consequente redução da contratação de estrangeiros, incluindo moçambicanos.

Os emigrantes com destino aos sectores mineiro e agrícola ganhavam dinheiro que posteriormente enviavam aos seus locais de origem para dinamizar actividades produtivas como a agricultura, criação de gado, construção das suas habitações e o cumprimento de certas obrigações sociais como o a prestação de assistência escolar dos seus parentes, custear os cuidados médicos e pagamento do *lobolo*.

Muitos emigrantes estão associados ao contrabando de drogas, trafico de seres humanos, roubo de viaturas, caça furtiva, o que contribuiu grosso modo para o aumento dos casos de criminalidade e xenofobia em algumas das principais cidades da Arica do Sul e dos seus subúrbios.

Hegemonia Económica Regional da África do Sul

⁵ Na obra de Ruth First (1983), afirma que em 1975, foram contratados cerca de 115000 trabalhadores para as minas, que o vai o numero mais elevado na história das contratações de mão-de-obra para as minas, mas o esse numero foi decrescendo ao longo do tempo, sobretudo depois de 1966, embora com algumas oscilações, nas nunca se aproximou às contratações de 1975.

⁶ Processo que consistiu na contratação de ao de obra nativa da África do Sul atraídos pela melhoria das condições de trabalho no sector, aumento do salário dos mineiros em consequência do aumento do preço do ouro no mercado, o que marcou uma grande transformação na receptividade das oportunidades laborais criadas pelo sector em que inicialmente os residentes nativos consideravam ser actividades muito pesadas e ariscadas, sobretudo nas escavações das galerias de ouro.

A hegemonia económica da África do Sul em relação aos outros países da região está profundamente ligada a dois principais sectores, nomeadamente a indústria mineira e as plantações agrícolas que durante muito tempo foram fontes de emprego da mão-de-obra de muitos países da África Austral, constituindo de certa forma de um factor de atracção dos emigrantes e do outro lado tornando a África do Sul uma potência hegemónica na região.

Um outro sector que torna a África do Sul num destino preferencial de uso de mão-de-obra local e sobretudo dos países vizinho é o sector dos serviços e da economia informal, que têm sido caracterizados por terem grandes demandas de força de trabalho nas áreas como a construção civil, serralharia, condução de veículos (de transporte de passageiros e de transporte de mercadorias), venda em estabelecimentos comerciais, trabalhos domésticos nas casas como zeladores das crianças, mainatos entre outros o que atraído principalmente indivíduos sem grandes qualificações académicas por um lado e por outro lado sem grandes capacidades de negociação das condições de trabalho, assim como a sua fraca capacidade de sindicalização, tornando-os em mão-de-obra barata e mais preferencial por parte dos empregadores, devido aos custos relativamente baixos da sua exploração.

Os factos acima descritos tornam a África do Sul um local de oportunidades e lugar de atracção de muitos cidadãos dos países vizinhos, principalmente os que partilham as mesmas fronteiras, que sempre acreditam ser um lugar com condições que permitem os que para lá se deslocam conseguir vencer a vida, por isso que tem sido considerado a África do Sul como a terra do *Rand*⁷ ou *Joni*⁸

Relativamente às oportunidades de emprego na África do Sul, destacam-se factores endógenos e exógenos que contribuíram para a opção pela mão-de-obra estrangeira nomeadamente, o pouco interesse demonstrado pelos nativos sul-africanos em aderirem o emprego nas minas, porque o consideravam muito duro, exigindo muito esforço físico e pouco digno para os seres humanos, e foi diante deste cenário que os responsáveis do sector mineiro não acharam outra alternativa, senão recorrer a contratação da mão-de-obra dos países vizinhos.

A falta de interesse dos nativos sul-africanos em abraçar o trabalho mineiro foi também motivado pela não industrialização do sector na fase inicial da sua exploração, o que acarretava muitos riscos à integridade física dos envolvidos, associado ao facto de as

⁷ Nome da moeda local e com um valor cambial quotado entre as melhores do continente africano, ficando atrás do Pula(moeda do Botswana). Ao câmbio actual (Abril de 2024) um rand sul-africano corresponde a cerca de 0.18 dólares.

⁸ Nome da cidade de Joanesburgo em muitas línguas *tsongas*, falada na África do Sul e em muitas regiões do Sul de Moçambique.

pequenas economias locais garantirem a ocupação da mão-de-obra local, tal com destacam os autores (Bezuidenhout e Buhlungu, 2010. p 17).

Quanto aos factores exógenos destacam se as deploráveis condições de vida em alguns países vizinhos, caracterizados pelos maus anos agrícolas, exploração demasiada feita pelas autoridades coloniais, fuga aos trabalhos forçados introduzidos pelas autoridades coloniais como o Xibalo⁹, mais tarde destaque para factores humanos, como a Guerra Civil em Moçambique (1976-1992), que originou um êxodo das populações para os países vizinhos com destaque para a África do Sul, em busca de segurança e de melhores condições de sobrevivência.

No contexto das migrações para a África do Sul, muitos habitantes das províncias do sul de Moçambique (Maputo, Gaza e Inhambane) desenvolveram uma tradição migratória, sobretudo para os jovens do sexo masculino, tal como destaca Covane (2001), ao se referir a canções com um teor pejorativo muito comuns entre a população das zonas rurais, como a que se segue:

Um homem que não vai para *Djoni*¹⁰
Esse homem não tem nenhuma iniciativa
Nós podemos pedir-lhe para tomar conta das crianças
Porque não tem nenhuma iniciativa

Mais adiante, podemos destacar outras canções ligadas à importância e expectativas dos jovens emigrantes do sexo masculino, cuja emigração e trabalho nas minas deviam servir para a satisfação de obrigações sociais, como os casamentos, principalmente o Lobolo¹¹, tal como sugere a seguinte canção, encontrada na obra de (Covane, 2020, p.196):

Você tem que regressar e casar-me
Outras pessoas já estão a fazer isto
Eu aqui estou envelhecendo
É necessário que você volte e me case.

Destaca-se o facto de estas canções, que mostram algumas expectativas locais em relação às migrações para o trabalho nas minas ou plantações na África do Sul, serviram para a consolidação da tradição migratória de muitos jovens moçambicanos ao longo do tempo e

⁹ Forma de trabalho forçado muito utilizado por Portugal nas suas colónias durante o período colonial, mediante o qual, a administração colonial fornecia mão-de-obra barata aos colonos de grandes propriedades, geralmente os trabalhadores eram muito mal pagos, havendo casos em que nem sequer eram pagos.

¹⁰ Palavra em língua tsonga muito falada no sul de Moçambique, usada como sinónimo de África do Sul ou terra de oportunidades, pelo que a ida ao Djoni era sinónimo de um bem estar futuro, devido as inúmeras oportunidades de vencer a facilmente a vida que se acreditava existir naquele País.

¹¹ Forma de casamento tradicional muito praticada nas regiões Sul de Moçambique. Um dos grandes objectivos sociais dos emigrantes para as minas e plantações da África do sul era de irem trabalhar e ganhar dinheiro para o pagamento do Lobolo.

no mesmo período são poucos ou praticamente inexistentes relatos de convivência conflituosa com os nativos sul sul-africanos, devido às razões anteriormente citadas quanto ao destino dos emigrantes, que eram as companhias e lá viviam em regimes fechados nos *compounds*¹².

Em relação às expectativas de casamento com os jovens emigrantes, Muamnamoha (2008) destaca que algumas famílias encorajavam as jovens do sexo feminino a se casarem com os jovens emigrantes como sinónimo de estabilidade e segurança para as famílias, devido aos salários que eles recebiam e que garantiam o sustento familiar, especialmente durante os períodos de seca e cheias, que sempre caracterizavam o sul de Moçambique, local onde o fenómeno migratório é muito frequente.

Ao estudar as migrações na África Austral, Pelsner (1997) argumenta que, depois de 1994, o número de emigrantes, sobretudo os ilegais, cresceu bastante na África do Sul. Este facto é derivado das políticas de abertura para a livre circulação de pessoas e bens, a eliminação das leis¹³ do Apartheid, que impossibilitava a circulação de pessoas livremente, o acesso às zonas urbanas, onde havia as melhores condições de busca de oportunidades de empregos fora dos tradicionais sectores mineiro e agrícola.

As leis separatistas criadas anteriormente culminaram com a criação dos Bantustões¹⁴, que eram reservas especiais de terra para os negros sul-africanos, também designados de *homelands*, nas quais cada grupo étnico teria o seu próprio estado, com o seu próprio sistema político e sua própria economia.

O separatismo imposto pelas autoridades políticas do *apartheid* dividiu a sociedade sul-africana em quatro grupos raciais distintos, nomeadamente: brancos, negros, mestiços (mistura de várias raças) e asiáticos, e essas divisões determinavam onde cada grupo deveria viver.

¹² Acampamentos pertencentes às empresas mineiras e eram destinados ao alojamento dos trabalhadores mineiros, que foram criadas pela câmara das minas e apoiadas pelo governo sul africano da época e se consolidou durante o regime do Apartheid, e entre outros objectivos visava o controle social dos trabalhadores, evitar a livre movimentação dos trabalhadores com o receio de se envolverem em movimentos de agitação e greves e finalmente visavam reduzir os casos de roubo de minérios pelos trabalhadores .

¹³ Lei nr 62/1952. Era a Lei dos Nativos, que proibia o deslocamento físico dos negros das áreas rurais para as cidades sem a permissão previa das autoridades.

Lei nr 41/1950. Lei das áreas de grupo, que atribuía diferentes áreas das cidades as residências e empresas de cada grupo étnico, o que originou a expulsão de muitos sul-africanos das cidades onde viviam, para as cidades satélites designadas *Townships*.

¹⁴ Eram territórios destinados aos negros da África do Sul, e chegaram a ser criados dez bantustões na África do Sul, visando a concentração dos membros dos grupo étnicos, tornado cada um desses territórios etnicamente homogêneos. Destaca-se o facto de quatro bantustões nomeadamente (Transkei, Bophuthatswana, Venda e Ciskei, também designados de TBCV estates) terem sido declarados independentes, não nunca chegaram a ser reconhecidos for a ada África do Sul, enquanto os bantustões de Kwazulu, Lebowa e Qwa-Qwa, tiveram autonomia parcial mas nunca tornaram-se independentes.

Tipos de Emigrantes

Existem dois tipos de emigrantes na África do Sul, nomeadamente, os emigrantes voluntários, que são motivados por razões económicas e que emigram ilegalmente de países como Moçambique, Lesotho, Botswana, Eswatini e Zimbabwe, sendo que alguns destes emigram legalmente usando passaportes e, depois de vencer o período de autorização para a sua permanência no território sul-africano, tornam-se ilegais¹⁵.

No grupo descrito anteriormente, existe os que são verdadeiramente ilegais, localmente designados por *mafohlanas*,¹⁶ cuja entrada para o território da África do Sul não tem sido realizado por meio dos postos de fronteira, mas sim entram usando trajectórias sinuosas e pouco seguras, principalmente a mata densa, que caracteriza a vegetação de muitos países limítrofes da África do Sul, havendo relatos de casos em que os emigrantes são alvo de ataques de animais bravios e muitas vezes culminam com a morte destes.

O outro grupo dos emigrantes é daqueles que entram legalmente no território sul-africano, geralmente ligados às grandes companhias mineiras ou agrícolas e estes geralmente residem em acampamentos pertencentes às empresas que os contratam e, no fim dos seus contratos, regressam às suas terras de origem para o gozo das suas férias no intervalo entre os contratos.

As suas formas de interacção com a sociedade sul-africana têm sido muito limitada devido ao facto de terem a sua mobilidade muito condicionada devido às exigências das próprias empresas em que estão vinculados que optam pela acomodação dos seus trabalhadores em *Compounds*, com muita restrição da circulação de pessoas e bens, diferentemente dos que não têm contratos com sectores formais da economia sul-africana e se dedicam às actividades do sector informal e que geralmente têm sido vítimas de alguns males sociais como a xenofobia, criminalidade e outras.

Alguns aspectos ligados aos emigrantes ilegais:

Diferentemente dos emigrantes legais que foram objecto de estudo de muitos autores durante o longo período de integração económica entre Moçambique e África do Sul, cuja

¹⁵ Com a supressão de vistos entre os países da África austral, o período permitido para a permanência de um cidadão estrangeiro na África do Sul sem contrato de trabalho com alguma instituição no país de chegada é de 30 dias, e no fim dos quais a sua permanência é considerada ilegal e sujeito a aplicação de medidas punitivas, incluindo a deportação, proibição da entrada por um determinado período, entre outras medidas restritivas.

¹⁶ Expressão em língua changana muito falada no sul de Moçambique que significa indivíduo que atravessa a fronteira sem a documentação exigida, principalmente o passaporte.

participação nas indústrias mineira e agrícola contribuíram para a criação de uma tradição migratória em muitos países incluindo a região sul de Moçambique, os estudos sobre a emigração ilegal e seus efeitos são relativamente recentes.

Um dos autores que estudou este fenómeno foi Muanamhoha (2008). Na sua tese intitulada *The Dynamics of undocumented mozambican labour migration to South Africa*, o autor destaca como principais razões da emigração ilegal de moçambicanos para a África do Sul.

A pobreza em muitas regiões do sul de Moçambique, a falta de emprego sobretudo para as pessoas sem grandes habilidades profissionais pelo que alguns emigrantes buscam oportunidade de emprego em sectores como a agricultura, construção civil, onde trabalham como operários, comércio informal ou em actividade domésticas.

Destaca-se o facto de as actividades retro mencionadas trazerem consigo algumas categorias de análise como o género, onde os jovens do sexo masculino se ocupam preferencialmente no sector das plantações e como operários da construção civil e um número reduzido exerce o comércio informal, ao passo que as jovens do sexo feminino se ocupam no comércio informal e nas actividades domesticas, como empregadas domésticas, exercendo actividades como confecção de alimentos, lavar a roupa e cuidar das crianças, entre outras actividades.

Perfil dos emigrantes

O presente artigo destaca alguns aspectos que caracterizam o perfil dos emigrantes ilegais nomeadamente:

- a) Idade: durante as entrevistas realizadas foi possível constatar que os emigrantes são, na sua maioria, jovens com idades compreendidas entre os 17 até 45 anos e, na sua maioria, do sexo masculino que emigram na perspectiva de se empregar no sector informal, visando acumular algum valor monetário, que é posteriormente enviada para as suas famílias nos locais de origem.

A região sulde Moçambique, compreendendo as a províncias de Maputo, Gaza e Inhambane, as migrações laborais foram sempre a principal características económica da região, e sempre envolveu jovens em busca de melhores oportunidades económicas, tal como destaca Henrique(2022), ao afirmar que:

O processo das migrações laborais de moçambicanos para a África do Sul teve diversas fases e de acordo com a demanda da mão-de-obra pelos diferentes sectores,

tais a como a agricultura no Natal, as construções de linhas férreas no Cabo, evoluindo para a demanda da mão-de-obra para a extração de recursos minerais, tais como diamantes em Kimberley desde 1866 e as minas de ouro em Witwatersrand desde 1886.

O processo acima descrito mostra a forma como as migrações em busca de emprego foram construindo a consciência social e económicas de muitos jovens de Moçambique e de outros países vizinhos, que não formam nada mais senão continuadores de trajectórias migratórias em busca de emprego construídas ao longo de várias gerações e que continuam até aos dias actuais, embora acompanhadas por novos fenómenos sociais, tais como xenofobias, contrabando, tráfico, o que tem constituído matéria para novos estudos dos efeitos das migrações laborais na África Austral.

- b) Habilitações académicas: o grande número dos emigrantes ilegais é constituído por indivíduos com poucas habilidades académicas, geralmente alguns possuem o ensino primário completo (7ª classe) o que não lhes dá grandes oportunidades para a obtenção de um emprego formal no país de origem, optam em emigrar para a África do Sul em busca de oportunidades laborais em sectores pouco exigentes quanto às qualificações académicas, tais como a agricultura, construção, mecânica de automóveis, electricidade, serralharia entre outros.

Quanto ao sector das minas que, durante longos períodos, foi a principal atracção dos cidadãos dos países vizinhos da África do Sul em busca de emprego, destaca-se o facto de não ser muito exigente quanto às qualificações académicas, mas actualmente, com a sistemática redução das contratações neste sector, são poucos os emigrantes que alimentam alguma esperança em conseguir um contrato de trabalho nas minas, por isso que não foram trazidos detalhes no parágrafo anterior sobre a busca de oportunidades de emprego por indivíduos descritos nessa categoria.

- c) Género: o grande número de os emigrantes ilegais são jovens do sexo masculino que, não tendo muitas oportunidades laborais localmente, emigram em busca de emprego no sector informal referido anteriormente, mas também, existem jovens do sexo feminino que se envolvem nesta actividade e, chegados à África do Sul, ocupam-se em actividades como exploração dos salões cabeleireiros, salões de beleza, atendimento nos balcões em alguns estabelecimentos comerciais, como lojas e pequenas mercearias, e algumas se dedicam à prática da prostituição nos principais subúrbios de algumas cidades, como Joanesburgo, Durban.

A predominância de jovens do sexo masculino nas migrações para África do Sul é um aspecto com raízes históricas muito antigas, nas quais destacam-se os facto de os primeiros

emigrantes terem sido homens que enfrentavam grandes adversidades ao longo das viagens, tal como foi descrito por Mungoi (2010, p. 49) ao destacar que, frequentemente os jornais locais relatam casos de pessoas que enfrentam animais ferozes para chegar a África do Sul, especialmente nas províncias de Gaza e Inhambane e acabam por perder a vida.

O mesmo argumento de predominância de indivíduos do sexo masculino neste processo é retomado por Bezuidenhout e Bulhungu (2010), ao se referirem às difíceis condições de trabalho a que estavam sujeitos os primeiros mineiros, dos quais se exigia muita força para escavarem as galerias em busca de ouro, num momento em que a industrialização do sector ainda era incipiente e pouco significativa na região.

Relação com os nativos:

A relação entre os emigrantes ilegais e as populações nativas tem sido pouco pacífica, chegando a casos extremos da prática de xenofobia, como um dos grandes males sociais que enferma a sociedade sul-africana depois de 1994, ano do estabelecimento do novo governo democrático em substituição do regime segregacionista do Apartheid, instalado desde os finais da década de 1940.

Desde o ano de 1994, a África do Sul tem experimentado uma escalada de actos de violência xenófoba contra estrangeiros em geral e especialmente para os indocumentados, e ela se manifesta de diferentes formas nomeadamente: violência física, e verbal, destruição das suas propriedades, são sempre acusados de se apoderarem das oportunidades de emprego destinadas aos nativos, principalmente para as actividades que não exigem grandes habilidades profissionais.

As questões relacionadas aos ataques xenófobos contra os estrangeiros têm atingido momentos extremos e com reacções de condenação tanto pelas autoridades locais (sul-africanas) ou mesmo dos países vizinhos.

A título ilustrativo, destacam-se o ano de 2001, o jornal *Folha online*, *Folha de São Paulo* de 21 de Março escreveu num dos seus títulos: **África do Sul julga policiais acusados de agressão a negros**, em referência a um vídeo que circulou em que seis agentes da polícia apareciam instigando os seus cães a atacarem três moçambicanos indefesos.

Um outro caso de violência xenófoba aos estrangeiros ocorreu no ano 2013, em que um taxista moçambicano de nome Mido Macie aparece num vídeo sendo arrastado pelo carro da polícia até a morte, e o mesmo mereceu condenação das autoridades sul-africanas ao seu mais alto nível, em que o antigo Presidente da África do Sul Jacob Zuma, condenou o acto

dizendo que: “Fiquei horrorizado com as imagens, são horríveis, perturbadoras e inaceitáveis, nenhum ser humano devia ser tratado daquela maneira.” Por seu turno, e na mesma atitude condenatória, o antigo ministro dos negócios estrangeiros e cooperação de Moçambique, Oldemiro Baloi, reagiu aos actos dizendo que:

É absolutamente inaceitável, este assassinato deste nosso compatriota é chocante, revoltante e absolutamente inaceitável. Espero que o governo sul-africano tome medidas apropriadas, não só para punir os infractores, como também para desencorajar atitudes desta natureza.

Esses dois casos relatados são elucidativos de muitas situações da atitude agressiva e intolerante dos sul-africanos em relação aos estrangeiros, principalmente para os indocumentados que não tendo ocupação laboral formal nos sectores tradicionalmente tidos como maior fonte de emprego de estrangeiros na África do Sul, se ocupam no sector informal facto que é considerado pelos nativos uma atitude de concorrência desleal e consequentemente não aceite pelos nativos que se acham-se a perder as poucas oportunidades laborais existentes.

O estudo realizado por Pelsaer (1997) ajuda melhor a atender a grande preferência dos empregadores informais sul-africanos, destacando que a mão-de-obra estrangeira, principalmente dos indocumentados é caracterizada por aceitar receber salários baixos, trabalhar longas horas sem grandes reclamações pelas condições de trabalho, apresenta fraca capacidade de sindicalização¹⁷.

No quadro das relações tensas entre alguns nativos sul-africanos e os emigrantes estrangeiros destaca-se o surgimento de organizações anti-imigrantes como o movimento *Dudula*¹⁸ que lutam contra a presença de cidadãos estrangeiros na África do Sul.

As suas acções têm sido caracterizadas por actos de agressão contra os emigrantes sobretudo ilegais, aos quais acusam de ser responsáveis por muitos males sociais tais como o desemprego, a criminalidade, o consumo de drogas, a prostituição.

De seguida apresento depoimentos de alguns membros deste movimento, cujo objectivo central é a expulsão dos estrangeiros na África do Sul:

¹⁷ A sindicalização na África do Sul tem uma história que remonta à década de 1880. desde o início, os sindicatos puderam ser vistos como um reflexo da desunião racial do país, sendo os sindicatos mais antigos predominantemente de trabalhadores brancos. Durante os anos turbulentos de 1948-1991, os sindicatos desempenharam um papel importante no desenvolvimento da resistência política e económica e, eventualmente, foram uma das forças motrizes na realização da transição para um governo democrático inclusivo na África do Sul.

¹⁸ Expressão em língua Zulu que significa expulsar. Esta organização tem propósitos xenófobos e está associada a ameaças contra a presença de cidadãos de outras nacionalidades na África do Sul.

To tell you the truth, i hate foreigners. How I wish they could just pack and go and leave our country, DIMAKATSO MAKOEEN (2021).

Traduzindo:

Para falar a verdade, odeio estrangeiros. Como eu gostaria que eles pudessem fazer as malas e sair do nosso País.

Estas são palavras usadas por uma das apoiantes deste movimento, para expressar a sua animosidade em relação à presença dos estrangeiros, principalmente os indocumentados na África do Sul, que, devido à falta de emprego formal, eles se dedicam à pequenas actividades informais, incluindo a venda de estupefacientes, e que, na óptica de alguns nativos, têm influenciado negativamente aos jovens locais, que facilmente são desviados de actividades lícitas, como a frequência aos estabelecimentos escolares, igrejas e passam a se dedicar ao mundo da droga e crime.

Mais adiante, ela destacou que: “he started smoking drugs when he was 14 years old...one day he tried to take some power cables to sell when he got electrocuted and burned.”

Traduzindo:

Ele começou a fumar drogas quando tinha 14 anos... um dia ele tentou levar alguns cabos de energia para vender quando foi electrocutado e queimado.

Por seu turno, Zandile Dabula, presidente da Associação *Dudula*, destacou numa entrevista à estação televisiva sul-africana, SABC, em Junho de 2023, afirmando que: “We must be realistic here that most of the problems that we have are caused by influx of foreign nationals. Our country is a mess. Foreigners are the root cause of South Africa’s, economic hardship.”

Traduzindo:

Temos de ser realistas quanto ao facto de a maioria dos problemas que temos ser causados pelo afluxo de cidadãos estrangeiros. Nosso país está uma bagunça. Os estrangeiros são a raiz das dificuldades económicas da África do Sul.

Um outro depoimento foi extraído da entrevista a um cidadão nigeriano, que viu os seus bens vandalizados pelos membros do *Dudula*, e mostrando o seu total desagrado pela atitude dos agressores disse o seguinte:

I vote in this country. I am a citizen here. I've never seen a country treating people like this. If I'm doing something illegal, fine. Deport me. But I'm not doing anything illegal. Now you make my life miserable, I can't pay my rent. I want to go, it's too much.

Traduzindo:

Eu voto neste país. Eu sou um cidadão aqui. Nunca vi um país tratar as pessoas assim. Se estou fazendo algo ilegal, tudo bem. Deporte-me. Mas não estou fazendo nada ilegal. Agora você torna minha vida miserável, não posso pagar meu aluguer de casa. Eu quero ir, é demais.

O artigo com o título: Já não vale a pena ir para lá: “*The changing discourse on migration to South Africa by Mozambicans*,” escrito por Machele (2022), aparece como uma resposta e aconselhamento em relação ao surgimento e desenvolvimento de organizações como o Dudula, que se mostram anti-emigrantes estrangeiros.

Ao argumentar que a África do Sul deixou de ser a terra de oportunidades para onde os cidadãos de muitos países da região sempre se deslocaram em busca de melhores oportunidades laborais, de onde adquiriam salários que serviam para o sustento das suas famílias nos locais de origem, principalmente nas províncias de Maputo, Gaza, e Inhambane.

O autor descreve, por meio de poemas e canções populares de muitos músicos e poetas do sul de Moçambique, a ênfase feita para alguns aspectos negativos da emigração para a África do Sul, em contradição aos discursos construídos ao longo do tempo que consideravam as migrações para a África do Sul, como um mecanismo de ganhar dinheiro nas minas e plantações e consequentemente satisfazer as suas necessidades básicas, como o *Lobolo*, compra de gado, charruas, abertura de machambas etc.

Com base nos argumentos acima citados, é possível constatar o grau de insatisfação de alguns nativos da África do Sul, principalmente nas regiões suburbanas que são as mais frequentadas pelos emigrantes ilegais, pelo que o desenvolvimento de atitudes anti-imigrantes, tem-se consolidado ao longo do tempo.

O desenvolvimento do sentimento anti-imigrante e o aparecimento de movimentos como o *Dudula* constituem um grande desafio para África do Sul e toda a região da África Austral, pelo facto de mostrar por um lado o insucesso das políticas Pós-*Apartheid*, que apregoavam uma África do Sul para todos os africanos e, por outro lado, mostra-se um grande desafio aos objectivos da SADC, que no âmbito da abertura dos espaços regionais, prevê uma livre circulação de pessoas e bens entre os países membros.

CONSIDERAÇÕES

Ao longo do artigo sobre as migrações de moçambicanos para África do Sul foi possível constatar que elas têm origens muito antigas e sempre constituíram um factor de esperança por uma vida melhor devido às oportunidades de emprego que existem ou existiam naquele país vizinho, cuja exploração do sector das minas e das plantações exigiam a contratação de muita mão-de-obra, que durante finais do século XIX até a primeira metade do século XX, muitos cidadãos de países como Moçambique, Botswana, Lesotho e Swazilândia foram contratados para trabalharem nas minas e nas plantações locais.

No período em estudo, os imigrantes tinham duas principais categorias, nomeadamente os documentados, que eram contratados pelas companhias mineiras em larga escala e, em pequena escala, pelas plantações, e, um outro grupo dos indocumentados ou ilegais, cuja presença naquele país aumentou depois do fim do *Apartheid* em 1994, devido às políticas liberais, que permitiam uma livre circulação de pessoas e bens à mercê da abolição de muitas leis que vigoravam durante o período da vigência daquele regime e que não tornavam possível a liberdade dos cidadãos.

O estudo incidiu mais sobre este último grupo dos imigrantes ilegais, cuja inserção na sociedade sul-africana tem sido motivo de muita animosidade com as populações nativas, que acusam os imigrantes ilegais de estarem ligados a alguns males sociais como o desemprego, criminalidade, prostituição, dificuldades de saneamento, falta de assistência médica, consumo de drogas entre outros, nos principais subúrbios de algumas cidades como Joanesburgo, Durban e Cape Town.

Os imigrantes ilegais têm sido também acusados de aceitarem qualquer tipo de emprego, mesmo os que, na óptica dos cidadãos nativos, estão reservados a eles, sobretudo os que não exigem grandes qualificações, tal como empregados domésticos, guardas nocturnos, atendimento nos estabelecimentos comerciais, postos de venda de combustíveis, serventes na obras públicas etc.

E como resultado deste ambiente de animosidade em relação aos estrangeiros, têm sido relatados muitos casos de intolerância para com os emigrantes ilegais, que culminam com casos de xenofobia, ataques às suas propriedades, agressões físicas e verbais, culminando em mortes e violência entre os nativos e os emigrantes.

Mais adiante, o artigo trouxe vozes de alguns membros da sociedade sul africana que se mostram incomodados com a presença dos imigrantes ilegais, a título exemplificativo, o movimento *Dudula*, cujo objectivo principal é desencadear uma perseguição contra os imigrantes ilegais, tal como afirmaram os seus integrantes, citados ao longo do texto.

Por último, o artigo mostra que, apesar do ambiente pouco favorável à presença dos imigrantes ilegais, as populações dos países vizinhos continuam emigrando ilegalmente para a África do Sul, em busca de melhores oportunidades de vida, onde exercem actividades no sector informal, tais como o pequeno comércio nas ruas das principais cidades, trabalham como operários nas obras de construção, conduzem viaturas de transportes semi-colectivos e táxis, trabalham nos salões de beleza entre outras actividades informais, sempre acreditando que a África do Sul é para eles a terra de oportunidades económicas, mesmo diante dos ataques e perseguições de que tem sido alvo, poucos são os que se mostram interessados em abandonar a imigração ilegal.

REFERÊNCIAS

- BEZUIDENHOUT, Andries e BUHLUNGU, Sakhela. **From Compounded to Fragmented Labour: Mineworkers and the Demise of Compunds in South Africa**. Editorial Board on Antipode, Vol. 43. Nr 2. 2010.
- COVANE, Luís António. **O trabalho migratório e a agricultura no Sul de Moçambique (1990-1992)**, 2ª Edição, Maputo, Promédia, 2020.
- DELIUS, Peter. **Migration Policy in South Africa**. DGAP Report. September 2021.
- HARRIES, Patrick. *Work, Culture and Identity Migrant Laborers in Mozambique and South Africa 1860-1910*, Witwatersrand, Witwatersrand University Press, 1995.
- CRUSH, Jonathan: **Migration in Southern Africa**, UCT and Quens University, September 1996.
- HEAD, Judith. Migrant Mine labour from Mozambique: Employment, Prospects and Policy Options in the 1990. In: **Journal of contemporary studies**, vol 13, number 1, 1995.
- HENRIQUE, Victor Simões. A migração laboral no período colonial na África Austral: As dinâmicas sociais e económicas dos trabalhadores moçambicanos na África do Sul. **Revista Síntese** Volume IX, nr 19. Maputo 2021.

HENRIQUE, Victor Simões. Abordagem Teórica sobre o comércio Informal na Cidade de Xai-Xai. In: **Revista Embondeiro**, Xai-Xai 2021.

HENRIQUE, Victor Simões. As Migrações Laborais de Moçambicanos para a África do Sul: Sua evolução dos primórdios até a proclamação da Independência Nacional c.1850-1974. In: **Dados de África**, Brasília 2021.

MACHLE, Júlio. Já não vale a pena ir para lá: the changing discourse on migration to South Africa by Mozambicans. **Southern Journal for contemporary history**, June 2022

MUANAMOHA, Ramos Cardoso. **The dynamics of indocumented Mozambican Labour Migration to South Africa**. Durban, UKZN, 2008.

MUNGOI. Dulce Maria João Chale. Identidades viajeras, família e transnacionalismo no contexto da experiência migratória de moçambicanos para as minas da terra do Rand, África do Sul. (Tese de Doutorado apresentada no programa de Pós- Graduação em Antropologia Social da UFRGS) Porto Alegre, 2010.

PELSER, André. Heading for Canaan: A reflection on illegal migration. In: **South Africa**, 1997.

RAIMUNDO, Inês. **Gender, Choice and Migration: households, dynamics and urbanization in Mozambique**. Searbbrucken. Germany, 2010.

VLETTER, Fion de. **Migration and Development in Mozambique: poverty, inequality and survival:in development southern Africa**, vol 24, nr 1. March 2007.

WACHE, Paulo Mateus. **Política Externa de Moçambique para a África do Sul, gerindo a diplomacia económica assimétrica**. Maputo, Universidade Joaquim Chissano, 2020, <https://www.folha 21.11.2001.online.uol.com>